

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 31 de outubro de 2012**

Texto de referência: A vida como vocação, Passos novembro 2012, pp. 15-30.

- *Favola*
- *Razón di vivir*

Glória

Carrón: Começamos o nosso caminho de Escola de Comunidade depois da Jornada de Início de Ano, que foi o tema do nosso trabalho durante este mês. As questões que emergiram ou as experiências que nos ajudam a entender são o motivo do nosso trabalho. Ajudemo-nos mutuamente respondendo às questões ou testemunhando uns aos outros a experiência que fizemos.

Colocação: *Faz alguns meses que me encontro uma vez por mês para almoçar com duas colegas que foram à apresentação do livro de Escola de Comunidade, em janeiro. Elas convidaram outro colega, e sempre me lembram do almoço, me cobram a marcação da data. A conversa é sempre densa, sobre questões que têm em relação à vida, a maneira como concebem a realidade e o relacionamento com o trabalho. Fui surpreendido por isso, porque com elas entra em jogo a minha experiência, não tanto em relação às respostas plausíveis que eu posso dar ou não, mas sobre aquilo que vivo. Isto, antes de mais nada, evidencia como o método da experiência, que você sempre nos indica, é decisivo para mim, mas também é decisivo para elas, é decisivo para todos, porque desse modo conseguimos estar juntos de uma maneira intensa. Quando estamos ali, é eliminada a banalidade, o falar por falar não existe, nem precisamos falar sobre a necessidade de nos colocarmos de determinado modo: se nos colocamos de certo modo é porque nos interessa. Porém, percebo uma impressionante redução que se mostra no fato de fazerem determinadas perguntas, de tentarem responder às perguntas que fazem durante a conversa. Uma redução, a meu ver, inconsciente, porque é muito normal estar no mundo, viver, ter um relacionamento com a realidade de uma maneira reduzida que, substancialmente, não desperta mais interesse. Saí do nosso último encontro perguntando o que pode vencer realmente essa redução. Nos dias sucessivos tentei dar uma resposta e disse, sem dúvida: só o acontecimento de Cristo pode vencer essa redução, pode vencê-la continuamente no tempo. Mas percebi que essa resposta, uma vez que continuava teórica, não era absolutamente suficiente para mim. Depois disso, chegou a esperada Jornada de Início de Ano, as coisas que você disse sobre as circunstâncias, sobre o desafio da realidade, sobre a autoconsciência e, alguns dias depois, li no Passos o artigo sobre Francesca, de quem você falou durante a Jornada de Início de Ano. Li num fôlego só e eu, que não choro facilmente, me comovi até as lágrimas. Emergiu de um modo imponente que a contemporaneidade de Cristo era aquela questão ali, para mim a contemporaneidade de Cristo se manifestava daquele modo ali, no modo com o qual essa mulher, como êxito do relacionamento com Ele, mudou a maneira de viver a circunstância, a ponto não de suportar a circunstância, mas amá-la, coisa inaudita normalmente e, para mim, seguramente não habitual. Eu entendo que preciso disso, porque me dou conta de que quando vivo de maneira reduzida, não vivo. Aparentemente vivo, mas não vivo. Preciso absolutamente que essa redução seja vencida no instante, sem precisar esperar – amanhã, depois de amanhã – uma hipotética eventual mudança.*

Carrón: Quando, na Jornada de Início de Ano, citamos o Papa a propósito da “hegemonia cultural”, estávamos chamando a atenção exatamente para essa redução da qual você fala. Mesmo pessoas que almoçam conosco, com essa seriedade com as próprias necessidades, da qual é excluída qualquer banalidade, não podem vencer essa redução sozinhas. De fato, em que consiste essa redução? Que eu não percebo a realidade em todo o seu alcance, em toda a sua grandeza. Então, isso só pode ser vencido – dizíamos –, primeiro, pela própria realidade, que nos provoca e abre novamente a ferida que torna impossível a redução e, segundo, pela contemporaneidade de Cristo. Porque Cristo veio através de um fato, para tornar presente uma modalidade de estar na realidade,

escancarada, sem redução. E então, se há ou não a contemporaneidade, isso se documenta na modalidade com a qual nós falamos das coisas, isto é, no uso diferente da razão. E quando alguém percebe isso não pode deixar de desejá-lo: “Preciso disso, preciso dessa circunstância”. Aquilo que introduziu Cristo na vida é exatamente isso. De fato, em muitas pessoas provocou uma certa perturbação a frase de Dom Giussani que lemos na Jornada de Início de Ano (“Deus não faz nada por acaso”)! Um de vocês me escreveu: “Caro Julián, no ponto um [da palestra] está escrito que Deus não faz nada por acaso, que Deus nunca permite que aconteça algo que não seja para nosso amadurecimento. Tudo aquilo que nos acontece, no bem ou no mal, é Deus que no mínimo permite, porque de qualquer modo é Ele o ponto final sobre tudo. ‘E saber isso muda você?’, me perguntou minha mulher. Nas circunstâncias boas, na verdade, posso até não sabê-lo. Porém, as circunstâncias ruins, negativas, muitas são consequência de ações ou partem dos próprios homens, mas outras não é possível entender de onde vêm, muitas vezes parecem casuais, e me interessa entender se estou ligado a um Deus que é meu aliado e meu amigo, ou a um Deus inventor de provas, obstáculos, provocações mais ou menos agradáveis”. Voltamos, com essa questão, a uma coisa que temos dificuldade de entender: por que Deus não nos poupou a história? Se ele queria compartilhar conosco a felicidade que vivia, porque não nos poupou o tempo da vida terrena? Respondo: porque Deus, que poderia ter nos criado já na eternidade, não quis nos impor isso. Amou tanto a liberdade que nos fez e nos criou na história para que cada um de nós pudesse responder. Não nos criou em uma situação enganosa, criou-nos em uma situação positiva na qual o relacionamento com Ele era a situação normal que a Bíblia descreve como o paraíso terrestre, onde o relacionamento com Deus era a realidade normal. Mas, como nos gerou livres, o homem, Adão e Eva e depois todos os outros, precisaram decidir e preferiram afirmar outra coisa, e desde então passamos a viver a vida em um mundo onde precisamos constantemente decidir, em cada circunstância, porque cada circunstância é dada para isso. “Viver a vocação significa tender ao destino para o qual a vida é feita. [...] Viver a vida como vocação significa tender ao Mistério através das circunstâncias pelas quais o Senhor nos faz passar, respondendo a elas. [...] A vocação é caminhar em direção ao destino abraçando todas as circunstâncias pelas quais o destino nos faz passar” (L. Giussani, *Realidade e Juventude. O Desafio*, Lisboa, Diel, 2003, p. 67). Muitas vezes nos vemos diante de circunstâncias – como diz nosso amigo na carta – geradas pelo mal dos outros, porque este mundo é marcado pelo mal. Então, se a liberdade está envolvida, sempre há luta, amigos. A vida é uma luta, a vida é uma prova, diz a Bíblia. Então, nessas situações Deus é um aliado ou nos deixou sozinhos? Deus é um aliado, Deus nos fez para o bem e nós sabemos – e como! – quanto podemos dizer não a tanto bem recebido, a ponto de complicarmos constantemente a nossa vida. Não só nos criou para o bem, mas Deus deu tudo, até Seu Filho, como diz São Paulo: “Que diremos então dessas coisas? Se Deus é por nós [sim, é um aliado, Deus é por nós], quem será contra nós? Ele [Deus] que não poupou o próprio Filho, mas O entregou por todos nós [sim, é um aliado, Deus não poupou Seu Filho], não nos dará porventura cada coisa junto a Ele? Quem condenará? Cristo Jesus, que morreu, antes, ressuscitou, está à direita de Deus e intercede por nós”. Esta é a certeza de Paulo. Pode ele conceber, depois de ter visto isso, que Deus não é um aliado? Impossível. O que quer dizer que Deus não poupou seu Filho, a quem enviou para nos acompanhar? “Enquanto ele ainda falava [no horto das Oliveiras] chega Judas, um dos doze, e com ele uma grande multidão armada com espadas e cacetes, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. Aproximou-se imediatamente de Jesus e disse: “Salve, Mestre”, e O beijou. Jesus lhe disse: “Amigo, é para isso que vens aqui?”. Então, se aproximaram e lançaram mão sobre Jesus para prendê-lo. E então, um dos que estavam com Jesus [tradicionalmente se diz que foi Pedro] desembainhou a espada [o Mistério provavelmente tinha se “distraído” e precisava da espada daquele homem!], e feriu o servo do Sumo Sacerdote decepando-lhe a orelha [essa é a modalidade com a qual nós, normalmente, olhamos a realidade]. E Jesus, no entanto, lhe disse: “Embainha tua espada porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão. Crês tu que não posso invocar Meu Pai e ele não me enviaria imediatamente mais de doze legiões de anjos? Mas como se cumpriram então as Escrituras, segundo as quais é preciso que seja assim?”. Não é que o Mistério, o Pai, tenha se distraído, tenha adormecido e deixado que o prendessem, que pusessem as mãos nele e O levassem à morte (como pensou Pedro: é preciso dar

uma ajuda ao Mistério cortando a orelha de alguém)! O problema é que Pedro, e cada um de nós, se encontra diante de um olhar sobre a realidade que é diferente. “Vocês pensam que Meu Pai não tem legiões de anjos para colocar em campo para derrubar todos?”. Basta um olhar assim, e vemos a diferença entre a modalidade com a qual nós olhamos e aquela com a qual um Outro a olha. Quando dizemos que “Deus não faz nada por acaso”, não queremos dizer que foi Deus quem gerou a morte de Seu Filho. Para poder mostrar aos homens toda a Sua grandeza, nem mesmo a Seu Filho poupa da dificuldade! Se nós não temos este olhar que Jesus introduziu na vida, então não podemos entrar em qualquer escuridão. Porque exatamente naquele momento, quando todos introduzem a suspeita se Deus é amigo ou adversário, Jesus testemunha a Sua diversidade. Ali, não fora, não olhando os touros da arquibancada (enquanto estamos na dificuldade, Ele nos olha do Céu). Não! Entrando na dificuldade, testemunha que nem mesmo ali estamos sozinhos! Não nos deixa sozinhos, Deus não deixou Seu Filho sozinho. O diálogo que Cristo teve antes de sua prisão foi com Seu Pai, e todo o resto é secundário em relação a este diálogo. O diálogo é com o Pai (não O chama “patrão”, e exatamente por essa certeza que tem do Pai, Cristo pode estar diante de qualquer circunstância, até aquela que nem mesmo Ele, como homem, entende completamente: “Afasta de mim este cálice”. Se não nos identificamos desse modo com o Evangelho, o que acontece? Nós ficamos perturbados, como escreve outra pessoa: “Fiquei muito provocado com aquilo que você disse a propósito das circunstâncias: quer sejam bonitas ou feias, todas são um modo através do qual o Mistério nos chama, não são, como nós pensamos, segundo as nossas medidas, uma dificuldade a ser suportada, têm um objetivo bem preciso no desígnio de Deus [é como Jesus disse àqueles dois que vão a Emaús: ‘Vocês são tolos? Não entenderam que as escrituras precisavam ser cumpridas? Que o desígnio de Deus era outro? Não conseguem entender?’], porque na vida daqueles que Ele chama, Deus não permite que aconteça nada que não seja para seu amadurecimento. Essa frase, citada no início, me deixou um tanto indiferente, porque eram coisas já sabidas, nada de novo sob o sol. Mas quanto mais você falava, repetindo sempre este conceito, mais – como um caruncho – tudo isso começou a ganhar espaço dentro de mim, e a um certo ponto me perguntei: para mim, essa frase é realmente verdadeira ou no fundo, depois, na vida, me coloco segundo outros critérios? Constatei como o juízo de fundo, na realidade, é outro, tanto que muitas vezes fico lamentando aquilo que me é dado viver e sufoco. Ao enfrentar os desafios que surgem na vida cotidiana, não levo essa hipótese minimamente em consideração [não levamos a hipótese em consideração porque nós achamos que já sabemos o que é a realidade!]. Intuí pela primeira vez, talvez, o alcance daquilo que você nos dizia como pretensão, o alcance que tem sobre a vida, e saí do encontro realmente desejoso de descobri-lo verdadeiro durante este novo ano, que até hoje é um tanto imprevisível, uma vez que me formo em menos de um mês. Hoje de manhã, enquanto concluía meu trabalho de final de curso na classe, encontrei uma colega a quem sou muito ligado e percebi, pelo seu olhar, que alguma coisa não estava bem. Como eu insisti, ela me disse que seu pai tinha feito alguns exames, que encontraram grandes problemas e que à tarde partiria para Milão. Naquele momento, me senti encurralado. Não era capaz de dizer nada, porque qualquer coisa me parecia falsa e totalmente inadequada para responder àqueles olhos. Assim, não conseguindo estar diante da situação, procurei uma maneira de mudar de assunto. Depois, me sentei na frente do computador para trabalhar. Enquanto estava ali, porém, pensava em tudo aquilo e me perguntava: mesmo que não consiga falar, será que realmente eu não tenho nada para dizer a ela ou aconteceu algo diferente na vida? Então, me lembrei imediatamente de você e quando ela voltou, eu disse: ‘Olha, diante dessa situação de seu pai não tenho nada para lhe dizer, mas sábado participei de um encontro que me tocou muito, aqui está o texto’. Percebi como, diante de uma circunstância assim, a hipótese que você nos lançou durante a Jornada de Início de Ano – a pretensão cristã – é a única capaz de suportar o choque, a única que me permitiu não sufocar, tanto que dar-lhe o texto foi o único gesto adequado que consegui fazer”. Se nós não fazemos um percurso, se nós não alcançamos uma certeza, quando chegamos a esses momentos não somos capazes de dizer nada, porque qualquer coisa nos parece falsa, totalmente inadequada. Ao contrário, quando alguém, através de tudo aquilo que lhe acontece na vida, do encontro feito às circunstâncias que não são poupadas, faz um caminho, o que acontece? Olhem o que escreve uma outra amiga: “Conto, com dificuldade, que

comecei a fazer seriamente o caminho de verificação que você continua a nos propor. Conto com dificuldade, porque perceber que a própria vida não brota do encontro feito é dramático e difícil, e requer uma mudança de olhar sobre as circunstâncias. É o trabalho do instante. Poucos dias atrás, fui visitar uma colega doente, que em quatro meses perdeu a capacidade de caminhar sozinha e me recebeu dizendo que queria morrer, inclusive para não ser um peso para seu filho. Começamos a conversar e eu disse que ela está viva e que a vida não depende dela, que precisa levar a sério todo o desejo de bem que não foi eliminado pela doença, e que a nossa companhia pode se tornar interessante para nós duas. Quando ela disse que eu posso falar assim porque tenho fé, imediatamente lhe perguntei o que ela ganha sufocando o desejo de sentido e de ser salva que a sua doença impõe. Quando, por fim, me despedi, ela me disse: “Preciso aprender que eu não sou só a minha doença” [começou a não se reduzir à doença]. Porém, o que me surpreendeu foi a minha posição: a doença abre para o significado. Olhar assim a realidade era um ganho para todos, era tão verdadeiro que não tinha medo de dizê-lo. Finalmente a folha de papel em branco (como diz *O senso religioso*) continuava em branco apesar do sentimento [é um juízo que se impunha por sua evidência]. Senti-me unida e feliz, cheia de um olhar sobre a realidade ao qual fui educada pelo trabalho de Escola de Comunidade, mas que a minha verificação me deu como certeza”. Se nós não conseguimos fazer esse percurso humaníssimo, diante dos desafios da vida não abrimos a boca. Outra pessoa me falou sobre uma conversa que teve no trabalho com um comunista convicto (muito hostil a nós, com muita raiva de nós por causa de todas as polêmicas dos jornais) a quem deu o texto do artigo de *Passos* sobre Francesca e seu marido: “Olha, deixe seu rancor de lado um instante, e leia isto”. Ele o lê, começa a chorar e sai da sala porque não suporta. E quando volta, lhe diz: “Se vocês têm isso, porque não falam a respeito?! Se alguém pode estar diante da vida e diante da morte assim, vocês, que receberam isso, por que não falam a respeito?!”. Nós estamos no mundo para isso, mas para poder dizê-lo e não calar, para que não resulte inconsistente, para que não resulte banal diante de um drama ou diante de qualquer circunstância, diante do cotidiano, é preciso uma certeza.

Colocação: *“Deus não faz nada por acaso” porque é a verdade da realidade. Eu penso que, ou esta é uma frase válida só para nós que acreditamos nela ou é uma evidência esmagadora. E se é uma evidência esmagadora não tenho problemas em dizê-la diante de qualquer pessoa. Porém, se tenho problemas em dizê-la é porque não é uma evidência esmagadora. O problema é que para mim a evidência muitas vezes significa que deve ser algo automático: se é evidente, deve ser algo automático. E, ao contrário, estou vendo que eu preciso me habituar a olhar a evidência. Por exemplo, no trabalho eu faço pesquisas no microscópio e uma estagiária começou a trabalhar ao meu lado. Quando olho algumas imagens, vejo as coisas, os particulares, porque há anos olho aquelas imagens. Para ela, aquelas coisas não têm significado porque nunca as viu, portanto, para ela aquelas coisas não são uma evidência, mas na verdade, são, e eu as vejo. A diferença é que eu as vejo porque estou acostumada a vê-las, há anos as vejo, e quando faço a menina percebê-las, se tornam uma evidência também para ela. Então, acredito que para mim o caminho mais importante é ter alguém na vida que me permite olhar as evidências que existem, sem medo e sem esperar vê-las automaticamente.*

Carrón: É possível entender isso? Isto é: não é que ela vê coisas que não existem, que as inventa e convence a outra de que existem. Não, é aquilo que Dom Giussani dizia: ele via certas coisas que os outros não viam, não porque não existissem, mas por causa de uma situação cultural, daquela hegemonia que nos impede de reconhecer todo o alcance da realidade. Nós usamos outra frase para dizer a mesma coisa: que nós não reconhecemos as coisas presentes como presença. Para nós, a presença de certas coisas não é presença, não é uma evidência como o fato de reconhecer: isto é uma folha em branco. E então, como ela diz, não nos falta a coragem (porque a pessoa não precisa de coragem para dizer que a folha está em branco) mas a simplicidade de dizê-lo. Quando é uma evidência, quando é algo que é evidente – como quando alguém diz o resultado do jogo: “Milan ganhou de quatro a zero” –, não há qualquer dificuldade, é um dado. A questão é que ter essa familiaridade com a realidade, não reduzida, não é uma coisa automática. Por quê? Porque muitas

vezes, sabemos bem, nós a reduzimos. Por isso, se não fazemos um percurso que nos habitue, que nos eduque (usemos a palavra justa) a entrar na totalidade da realidade, nós a reduzimos. De fato, a educação é exatamente isso: uma introdução à realidade total, não apenas a uma realidade reduzida. E por que, diante de certas coisas, não dizemos uma palavra clara? Porque, no fundo, não temos certeza disso: que a vida nos é dada, a cada um de nós, para compartilhar a plenitude de Deus. Seu Filho deu a vida, é o destino da vida. Não é que as coisas devam andar mais ou menos bem, o problema da vida é o eterno, e se nós não temos essa perspectiva, somos os mais desgraçados dos homens, diz São Paulo. Se não temos toda a perspectiva da vida, diante de certas coisas nós não dizemos nada. Porque estamos reduzindo a vida à aparência, e pelo contrário o significado da vida é Cristo, e podemos dizer isso em qualquer circunstância. Mas é necessária uma certeza pela evidência que cada um tem na própria vida, senão, a pessoa não o diz. E, depois, começa a dizer que as circunstâncias são perturbadoras. Sim, mas muito mais perturbador seria existirem essas circunstâncias e não existir o significado! Essa seria a verdadeira desgraça! Por isso, quando aquele comunista vê certas coisas e nos diz: “O que vocês fazem com isso?!”, o faz porque normalmente não é isso que testemunhamos.

Colocação: *Fiquei tocado com sua colocação no Sínodo e quando li a transcrição, disse: isso é verdade, é verdade, é a verdade de mim, é a verdade da nossa experiência, temos um aliado que é o coração (tanto, que disse: como será que reagiu o coração do Papa ao ouvir estas palavras). Quando você diz que temos este coração, que é um aliado, que é um acontecimento, o embater-se em uma humanidade mudada: essa é a história, sempre foi assim, é a história e reacontece assim, hoje. E, sobre isso, quero contar um fato. Nestas férias, fui convidado pelos amigos de Rímimi para participar de um encontro sobre o trabalho. Eles tinham convidado um escultor, artista, marceneiro, personagem extraordinário com uma humanidade, uma paixão, um olhar, uma profundidade que nunca tinha visto. Tudo isso, para dizer uma coisa. No jantar, um amigo lhe perguntou: “Como posso despertar a responsabilidade dos meus funcionários?”. E esse homem, comendo, sem sequer levantar a cabeça, diz: “Reconhecer o valor da pessoa é despertar a sua responsabilidade”. Em suma, neste jantar conheci o filho, trocamos número de celular e nos falamos na metade de julho. Depois, não nos falamos mais. Ontem, inesperadamente, me telefonou para perguntar se podíamos nos encontrar. Marcamos um encontro e todo o tempo com ele foi um testemunho de como tinha sido mudado por aquele encontro com esses amigos, de como a empresa passa por dificuldades, está sentindo muito a crise, mas como ele agora não está mais sozinho, não está mais sozinho! Não consegui vir à Jornada de Início de Ano, mas recebeu as anotações da sua palestra, e disse: “Olha, eu consigo ler uma página, uma página e meia por dia, não mais que isso porque há muita coisa”. Uma companhia infinita. Depois, me disse: “Olha, fui a um encontro com artistas que não participam da nossa experiência, e me pareceram todos mortos. Então, me perguntei: por que estes estão mortos e aqueles outros são tão vivos? Porque estes não seguem, não reconhecem a beleza”. E, depois, continuou a me dizer: “Sabe por que não reconhecem a beleza? Porque têm medo de ficarem feridos”. E, ainda, algo surpreendente: é assim porque a verdade nos marca, precisamos sempre enfrentar e, depois, precisamos decidir, tomar uma posição. Então, falei sobre sua colocação no Sínodo e ele ficou mais inflamado: “Você precisa me dar isso, eu preciso ler”. Este é um encontro.*

Carrón: Obrigado.

Colocação: *Tenho uma pergunta. Queria partir da colocação do Papa sobre a hegemonia cultural. A certo ponto, falando da racionalidade científica e técnica, diz: “Até uma terra fértil corre o risco de se tornar um deserto inóspito e a boa semente ser sufocada”. Então, este ser terra fértil ou terreno inóspito entendo, olhando para mim, que depende daquilo que você diz: antes de mais nada, é uma escolha, aquilo que em O senso religioso, Dom Giussani define como opção fundamental. Porém, depois você fala da percepção de si: percepção de si e do próprio destino e, portanto, afeição a si verdadeira, livre da obtusidade instintiva do amor próprio. Então, entendo que este ser terra fértil ou terreno inóspito é diretamente proporcional a essa percepção de si. Isto*

é: ou a percepção amorosa do próprio destino, ou a obtusidade instintiva do amor próprio. Agora, para mim não é sempre claro no detalhe das circunstâncias perceber quando sou movida por uma afeição a mim e quando, ao contrário, sou movida pela obtusidade do amor próprio. Entre outras, uma coisa que me toca é que também no conceito de amor próprio há a palavra amor. Não quero ser filosófica, porém é como se o diabo se insinuasse de um modo não necessariamente sempre reconhecível.

Carrón: Certo, certo. Mas, você vê isso nos relacionamentos, quando você ama o outro e está disponível para afirmar o outro, o seu destino, o bem do outro, e quando, ao contrário, tende a afirmar a si mesma também no relacionamento com o outro. E isso é uma lâmina muito sutil, não? Fazemos isso nos relacionamentos, fazemos no trabalho. Você gosta de fazer bem seu trabalho, mas é afirmar o trabalho ou afirmar a si mesma? As obras nascem para responder a uma necessidade e às vezes, para responder a essa necessidade, apostamos tudo, mas a um certo ponto, se não temos mais meios, precisamos parar. Porém, muitas vezes, queremos ir em frente não mais para afirmar a obra, mas para afirmar a nós mesmos, porque se fazemos uma obra maior, nós também ganhamos a glória... Aí começa a se introduzir a obtusidade do amor próprio. Você já pensou por que Jesus considera uma tentação quando o diabo Lhe diz no Evangelho: “Transforme essas pedras em pão”? Teria feito a maior ONG do universo, teria resolvido o problema da fome no mundo para o resto da vida, não tem nada melhor do que isso! Resposta a uma necessidade: as pessoas ficariam contentes. Por que não aceita? Por que a considera uma tentação? Porque entre uma coisa e outra há a afirmação de si mesmo, a obtusidade do amor próprio. Então, qual é a diferença entre a verdadeira afeição a si e a obtusidade do amor próprio? Mesmo que você faça a maior ONG do universo, será sempre uma gota em relação à sua necessidade, porque você é feita para o infinito! Mesmo que você afirme até o infinito algo de si, não é isso que Lhe realiza, porque aquilo que realiza você é reconhecer o infinito. Somente esta é a verdadeira afirmação de si, que a torna livre da obtusidade do amor próprio e que Lhe permite obedecer. Se o Mistério Lhe permite fazer três, faça três, porque você não precisa fazer cinco para afirmar a si mesma. De fato, mesmo que conseguisse fazê-lo, seria inútil, porque seria uma gota no oceano da sua necessidade de infinito. Mas nós somos tão loucos – desculpem – que pensamos, por causa da falta de clareza daquilo que somos, afirmar mais a nós mesmos através dessa gota. Mas essa é uma obtusidade, é uma incapacidade de perceber as coisas como são. Tanto é verdade que depois de tê-lo feito, ficamos vazios, porque não é que as pessoas não façam milhares de tentativas. Como se vê que é obtusidade do amor próprio e não verdadeira afeição a si? Porque uma Lhe deixa vazia e a outra Lhe dá uma ternura para consigo que não pode dar-se por si mesma. E com a presença do Infinito, com o reconhecimento d’Aquele que Lhe faz agora, com toda a ternura do Mistério, você não precisa de outra coisa. Você só precisa reconhecer Alguém que está dando você a você mesma, agora. De outro modo não poderia ter um instante de ternura verdadeira consigo mesma, de afeição verdadeira a si e então vai buscar na obtusidade a afirmação de si, no amor próprio, aquilo que não consegue ter, aquilo que não reconhece como dado a você. Assim, se lança em uma estrada que como única coisa Lhe levará a fechar-se cada vez mais, porque mesmo que consiga passar por cima de todos os cadáveres que vai deixando pelo caminho, será inútil, não funciona, nem mesmo como lógica, nem mesmo como estratégia. Somos obtusos a esse ponto! Uma coisa é que alguém o faça por fraqueza, outra é que o faça porque não entende, porque se a pessoa entende, não perderia o tempo para percorrer essa hipótese que, mesmo se conseguisse de algum modo, não resolveria nada, ao contrário, deixaria a pessoa com um buraco maior do que aquele que quis resolver. Por isso, é importante entendermos algumas coisas. Essa é uma estrada que aprendemos somente percorrendo-a. Por que muitas coisas se tornam difíceis? Porque, não entendendo, complicamos ainda mais as coisas. Se, ao contrário, começo a levar a sério o que acontece, quando eu reconheço que sou feito assim, que sou amado assim (mas isso nos parece abstrato em relação às coisas que temos na cabeça, e nos parece mais concreto conseguir resolver, permanecendo vazios), se a pessoa não começa a dar-se conta daquilo que aconteceu no encontro, do que significa Cristo, de modo que seu eu transborde de gratidão, de afeição a si, então precisará afirmar a obtusidade do amor próprio. Precisamos constantemente aprender o conteúdo da nossa autoconsciência. Você é feita para o infinito, e então age por causa da

inquietação que você carrega. Não é que fica em paz, como se essa inquietação não definisse cada fibra do seu ser. Você precisa buscar porque urge, urge! Então, se buscamos pelo caminho errado, complicamos a nossa vida e a dos outros. Isso, para falar do caminho que temos diante de nós. Foi isso que o Papa nos lembrou no Sínodo, e gostaria de dizer uma palavra final sobre isso. Ele dizia, na missa de encerramento do último domingo, falando do cego Bartimeu (aquele cego que, ouvindo que Jesus passava, começou a gritar e os outros tentavam fazê-lo calar-se): “Bartimeu poderia representar todos os que vivem em regiões de antiga evangelização, onde a luz da fé se enfraqueceu [o deserto, o deserto do qual falava: deserto inóspito] e se afastaram de Deus, não o consideravam mais relevante para a vida: pessoas que, por isso, [...] perderam a orientação segura e sólida da vida e tornaram-se, normalmente inconscientemente, mendicantes do sentido da existência”. São as muitas pessoas que precisam de um novo encontro com Jesus porque perderam a consciência do Batismo. Isso é o que a Igreja, com o Sínodo, quis reconhecer mais uma vez, como disse o Papa no *Ângelus*: “Somente Ele, Jesus Cristo, é a verdadeira novidade que responde à espera do homem de qualquer época”. Mas como podemos transmitir essa novidade? Ninguém mais, diante desse deserto inóspito, pensa que basta uma estratégia pastoral diferente. E isso ficou muito claro no Sínodo. Por isso, neste mês, na sala sinodal ouviu-se muitas vezes falarem sobre o desejo da conversão. Se nós não nos convertemos, não podemos levar aos nossos companheiros de caminho, vizinhos, colegas, essa novidade nesta terra que se tornou inóspita (como muitos sabemos). Então, o Papa concluiu: os verdadeiros protagonistas da verdadeira evangelização são os santos, não os estrategistas, os santos! “Assim são os novos evangelizadores: pessoas que fizeram a experiência de serem curadas por Deus, mediante Jesus Cristo. E sua característica é a alegria do coração”. Por isso, queremos responder a essa urgência que a Igreja tem, e podemos fazê-lo porque exatamente por isso nos foi dada a graça do carisma. Nós somos testemunhas de como, sem essa nova evangelização, muitos de nós provavelmente não estaríamos aqui, porque ouviram falar de Cristo e pensaram que era óbvio, que não interessava à vida. Fomos escolhidos, foi-nos dada a graça para poder comunicá-la aos outros. E podemos comunicá-la não através de uma estratégia, mas somente através da nossa diversidade, se na maneira de estarmos no real soubermos despertar o interesse pelo cristianismo, por Cristo. E só podemos comunicar isso se nós o vivemos. Por isso, o percurso que faremos este ano não pode ter outro objetivo senão, como disse o Papa na abertura do Ano da Fé, redescobrir Cristo, redescobrir a beleza de Cristo. Somente assim podemos, nós também, nos tornar testemunhas, ali onde estamos.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade será no dia 28 de novembro, às 21h30.

Retomaremos o livro *Na origem da pretensão cristã* porque, como todos sabemos, é o percurso da fé que os apóstolos fizeram. O Papa anunciou o Ano da Fé e por isso nós nos unimos à Igreja, fazendo o percurso da fé dos discípulos, para que nós também possamos fazer o mesmo percurso que eles fizeram. Retomaremos o sexto capítulo: “A pedagogia de Cristo ao revelar-se”. Acompanharemos o trabalho de Escola de Comunidade com alguns textos do Papa que serão publicados em *Passos* nos próximos meses: desde que o Ano da Fé começou, o Papa passou a fazer as catequeses da quarta-feira sobre a fé. O que podemos fazer melhor do que viver o Ano da Fé acompanhados por Dom Giussani e pelo Papa? Não creio que tenhamos coisa mais interessante.

Lembro que está ativo um endereço de email para o qual podem enviar perguntas ou breves colocações sobre o trecho da Escola de Comunidade indicado. Peço que vocês enviem até o domingo à noite antes do nosso encontro de modo que eu tenha tempo de lê-los. O endereço de email é: sdccarron@comunioneliberazione.org, e peço que vocês o usem só e exclusivamente para a Escola de Comunidade.

Dia Nacional da Coleta de Alimentos. A proposta do Dia Nacional da Coleta de Alimentos, que [na Itália] acontecerá no sábado 24 de novembro, organizada pela Fondazione Banco Alimentare, é

a ocasião, em primeiro lugar para quem participa, para viver um gesto de gratuidade com a consciência que São Paulo nos lembra: “Gratuitamente receberam”. É esta consciência que podemos testemunhar seja às pessoas que estarão conosco colaborando com o gesto, seja àqueles que param para dar a sua contribuição para a coleta. Este também é um gesto que podemos reduzir, ou que pode ser vivido como um gesto no qual se compartilha a comida e o gosto de viver, e a fé, e as razões pelas quais o fazemos. Algumas vezes nascem espaços de diálogo com as pessoas que se encontram e com as quais podemos falar sobre o que para nós é mais importante e que, como eu dizia antes, é o que muitas pessoas esperam.

É com esta consciência que também queremos viver depois o gesto das Tendras, proposto pela Avsi para o período natalício.

Veni Sancte Spiritus